



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

(RE) SIGNIFICANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EJA – A PARTIR DA REALIDADE DOS EDUCANDOS DO PROGRAMA MOVA BRASIL EM ALAGOAS

LEILA CARLA DOS SANTOS QUARESMA

VALÉRIA CAMPOS CAVALCANTE

JANAYNA PAULA LIMA DE SOUZA SANTOS

EIXO: 22. EDUCAÇÃO E PESQUISA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS

RESUMO

Este texto é o recorte de uma pesquisa realizada no ano 2015, que teve como foco de discussão uma análise sobre o perfil dos educandos que frequentavam o projeto MOVA- Brasil em Alagoas e a Prática pedagógica do Educador do referido projeto. Tomamos como metodologia uma abordagem qualitativa de base interpretativa, em que realizamos análises das falas dos educandos, bem como pesquisa bibliográfica e documental. Nos fundamentamos em pesquisadores como: Andrade (2004), Moura (1999), Freire (1996), entre outros. A análise dos dados nos mostrou que para a maioria dos educandos a inserção no programa Mova – Brasil/Alagoas, e conseqüentemente a alfabetização oportunizada, representou uma possibilidade na melhoria de vida, uma vez que lhes permitiu melhores oportunidades de trabalho.

Palavras-chave: Prática pedagógica. Educação de Jovens e Adultos. Alfabetização.

ABSTRACT

This text is part of a research conducted in 2015, which had a specific focus on an analysis of the profile of the students who attended the program MOVA - Brazil in Alagoas, as well as the educator 's pedagogic practice of the program. We take a qualitative methodology approach interpretative basis, we perform analyzes the speech of students, as well as bibliographic and documentary research. We based on researchers as Andrade (2004), Moura (1999), Freire (1996), among others. Data analysis has shown that for most students entering the Mova - Brazil/Alagoas program, and therefore nurtured literacy, represented an

opportunity to improve the lives, since it allowed them to better job opportunities.

Keywords: pedagogical practice. Youth and Adult Education. Literacy.

Primeiras palavras

Este texto é o recorte de uma pesquisa denominada “Conhecimentos dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a prática docente do alfabetizador do Projeto MOVA-Brasil/Alagoas”. Esta investigação foi realizada, no ano 2015, que teve como foco de discussão uma análise sobre o perfil dos educandos que frequentava, à época, o Programa MOVA-Brasil em Alagoas, bem como a Prática pedagógica do Educador do referido programa. Compreendemos que este trabalho contribuirá para/na formação de professores que atuam na EJA, permitindo a reflexões sobre a prática docente articulada com as experiências e histórias de vida dos educandos.

Como metodologia recorreremos a uma abordagem qualitativa de base interpretativa. Para isso, tomamos como base a análise das falas dos educandos da EJA, envolvidos no Programa MOVA-Brasil e buscamos compreender as questões sociais que implicavam nas ausências dos educandos nas aulas. Recorreremos ainda à uma pesquisa bibliográfica sobre autores que discutem a EJA no Brasil e a formação de professores da modalidade, bem como os documentos que fundamentam o referido Projeto em Alagoas. Como base buscamos pesquisadores como: Andrade (2004), Moura (1999), Freire (1996), entre outros.

O tema deste trabalho foi escolhido a partir das experiências vivenciadas em salas de da EJA no Projeto MOVA-Brasil/Alagoas, programa do qual participamos como educadoras e como pesquisadoras, no período de junho de 2013 a fevereiro de 2016. Salientamos que, durante as aulas, os educandos expressavam muitos saberes o que nos chamou a atenção para investigar mais sobre suas trajetórias.

Compreendemos que a Educação de Jovens, Adultos e Idosos é uma modalidade de ensino que exige do professor um conhecimento sobre os caminhos percorridos pelos educandos ao longo da vida, e sobretudo, o reconhecimento acerca dos saberes que eles possuem e trazem para sala de aula, fruto das vivências e relações desenvolvidas nas agências de letramento, a saber: família, instituições religiosas, mundo do trabalho. De acordo, com relatos dos sujeitos da EJA apontados por teóricos com base em pesquisas, o desejo pela volta ou início aos estudos sempre esteve presente neles, contudo a carga horária de trabalho, ocupação com filhos ou parentes, a longa distância entre as escolas e suas residências, os desestimulavam para a obtenção do seu direito de estudar.

Mesmo, os jovens, adultos e idosos enfrentando tantos impasses para estudar esses sujeitos ultrapassam suas dificuldades, cansaços e limitações, objetivando as finalidades básicas: aprender a ler e escrever, adquirindo sua autonomia para interpretar o mundo gráfico e interagir com ele.

Entendemos, portanto, que cabe ao educador da EJA assumir em sala de aula uma postura e metodologias diferenciadas. Nesse aspecto, indicamos que para haja uma aprendizagem significativa nas salas de aulas da EJA é necessário trabalhar os conhecimentos formais articulados aos contextos sócio-culturais dos sujeitos, resgatando e reconhecendo suas raízes de históricas, bem como seus saberes e práticas do seu cotidiano, ou

seja, um ensino partindo da realidade dos aprendizes, valorizando seus conhecimentos prévios e usando-os como ferramenta no processo de ensino e aprendizagem.

Considerando essas reflexões, organizamos este texto em dois tópicos: **I. Os Educandos da EJA do Programa Mova Brasil em Alagoas – quem são e o que buscam?**

II. A prática Pedagógica na EJA – sempre com o olhar voltado para a realidade dos educandos

1. Os Educandos da EJA do Programa Mova Brasil em Alagoas – quem são e o que buscam?

Ao discorrer sobre os sujeitos da EJA, é válido lembrar, inicialmente, que são sujeitos que tiveram seu processo de escolarização interrompido em alguma fase da infância ou adolescência. Vários fatores contribuíram para a interrupção ou impedimento à aquisição do direito de estudar, dentre os fatos mais comuns, estão: a inserção ao mundo do trabalho desde a infância, a ausência de escolas próximas as suas residências, mulheres vítimas do machismo executado de pais e esposos, gravidez precoce, dentre outros fatores.

No tocante aos educandos do MOVA-Brasil, devemos considerar que, durante seu período de ausência na escola, estes sujeitos conseguiram sobreviver dentro de uma sociedade gráfica e letrada e sobretudo sua vida estava engajada no mundo do trabalho. Esta sobrevivência, refere-se ao enfrentamento realizado por esses sujeitos, para decifrar os códigos escritos das linguagens Português e Matemática que sempre estão presentes em seus cotidianos.

Muitos desses sujeitos chegavam a sala de aula durante o Projeto, sem possuírem os conhecimentos formais e sistematizados, apresentados pela escola. Mas, vale ressaltar que, estas pessoas desenvolveram saberes informais, nas suas relações com seus pares e profissões.

Salientamos que, esses educandos mesmo sem ter passado pela educação básica, ou permanecido o tempo insuficiente, ao longo da vida construíram saberes e estratégias necessárias para interpretar o mundo gráfico do qual faziam parte, contudo sua autonomia para realizar atividades que necessitavam da leitura, escrita e da matemática ainda permanecia limitada, visto que muitos deles dependiam da ajuda de outros sujeitos alfabetizados para interpretar textos, ou realizar atividades mais complexas.

Ao relatar o perfil dos sujeitos da EJA do Projeto MOVA-Brasil/Alagoas, destacamos, a princípio, a faixa etária, estando desde os 15 anos até o final de suas vidas. Muitos desses educandos, exercem profissões de padeiro, pedreiro, costureira, alfaiate, artesão, cozinheiro(a), motoristas. São comuns essas profissões entre os sujeitos, a maioria deles já trabalham desde a infância. Contudo estas áreas de trabalho, requerem habilidades e conhecimentos formais, principalmente referentes a matemática, como: noções de medidas e localização, quantidade, peso, geometria, adição, subtração, multiplicação, divisão, dentre outros. Com diz Moura (1999),

[...] esses sujeitos que buscam a escola, tardiamente, para se escolarizar, apresentam inúmeras características, que os diferenciam das crianças, tais como: ultrapassaram a idade de escolarização formal estabelecida pelas diversas legislações educacionais; estão inseridos no sistema produtivo (ou temporariamente fora dele), são os responsáveis pela produção

dos bens materiais, mas são excluídos da participação desses bens (MOURA, 1999, p. 1).

Destacamos, todavia, que mesmo aqueles sujeitos que não atingiram a idade considerada adulta (mais de 18 anos), não são considerados como “crianças” para estudar durante o dia, mas também, não são ainda adultos para frequentar a escola durante a noite.

Em Alagoas, comumente encontramos na EJA os sujeitos com essas profissões, que não lhes cobram a prática de conhecimentos formais sobre leitura, escrita e matemática, por serem ofícios que os sujeitos já possuem vasta experiência. A esse respeito, Moura (1999) enfatiza que “este fator favorece a acomodação no exercício das habilidades e competências leitora e escritora, pois se o trabalho não lhe exige ou não lhe proporciona uma oportunidade de uso de habilidades eles limitam-se, apenas, aos conhecimentos específicos de seus ofícios” (MOURA, 1999, p. 2).

Contudo, ao analisar suas condições de vida, conclui-se que estes sujeitos possuem raízes com origem humilde, vivendo um modo de vida simples, pois seus salários ou rendas são baixos girando em torno de um salário mínimo. Entretanto, pelo fato do salário/renda não serem o suficiente para o sustento individual ou familiar, alguns buscam desenvolver algumas atividades extras, como vendas de produtos alimentícios ou cosméticos, como complementos financeiros, ingressando no mercado de trabalho informal.

1.1 O que nos dizem as falas dos sujeitos

Vale destacar que, a maioria dos educandos que participaram Projeto MOVA-Brasil/Alagoas, estavam inseridos no mundo do trabalho. Como diz Couto (2014), o trabalho é definido como ação transformadora de homens e mulheres sobre a natureza, no sentido de modificá-la e obter dela os bens necessários a sobrevivência.

Muitos deles buscavam o programa para tentar se inserir no mercado, ou mesmo para “melhorar de vida”, como eles próprios afirmavam. Assim, os sujeitos do MOVA-Brasil – Alagoas sempre afirmavam que (re)iniciavam seus estudos para atender a exigência da qualificação profissional no mercado de trabalho e para obterem melhores condições de vida.

No tocante ao perfil do público jovem da EJA que frequentavam o programa à época, geralmente, sujeitos que interromperam seus estudos na infância, ou até mesmo nunca entraram numa escola. No tocante a origem, eram oriundos da zona rural ou urbana, comumente com condições de vida precária.

A maioria optou por estudar no referido programa, no horário noturno por diversos fatores: estarem fora de faixa etária em relação aos estudantes diurno; constituição familiar precoce, fato bem comum entre jovens de camadas mais baixas; emprego conseguidos pelo dia, como jovens aprendizes, pintores, auxiliar administrativo, vendedores de lanches em ônibus, praças, praias, além de ser “uma massa considerada de excluídos do sistema formal de ensino, seja por se encontrar em condições de vida precária, seja por ter tido acesso a uma escola de má qualidade, ou mesmo por não ter tido acesso à escola” (HADDAD, 1992, p. 2).

Ainda nos referindo ao público jovem que frequentavam as turmas do programa, vale ressaltar que, esses jovens possuíam uma identidade específica. Suas expressões verbais e corporais, vestimentas, códigos, eram peculiares à sua cultura particular da faixa etária adolescente à jovem. Em alguns momentos, os sujeitos jovens em suas turmas, não eram compreendidos pelos colegas adultos e idosos, o que acarretava alguns conflitos dentro da sala de aula, sendo taxados de perturbadores, ou descompromissados com seu papel, enquanto educando.

Sobre esta discriminação e rejeição, vivenciados por estes estudantes e os rótulos direcionados à eles, Andrade (2004), diz que os jovens da EJA “são tratados como uma massa de alunos, sem identidade, qualificados sobre diferentes nomes, relacionados diretamente ao fracasso escolar” (ANDRADE, 2004, p. 1).

Especificando os idosos do Projeto MOVA-Brasil/Alagoas, eles estavam na faixa etária acima dos 60 anos. Era um grupo de pessoas que enfrentavam muitos desafios ao longo da vida, uma das maiores necessidades para os educandos era a de interagir com as informações escritas ao seu redor, conforme o depoimento ilustrado abaixo:

M. S. S[i]. Eu nunca pude estudar. Primeiro meu pai não deixava, depois foi meu marido, aquele triste, depois fui cuidar dos filhos e só agora pude vir pra escola, e daqui não quero sair. Eu gosto muito daqui e quero aprender a ler e escrever. Pra ler melhor a bíblia. Já tô sabendo ler um pouco. Quando não venho é porque vou pra igreja, mas sempre estou aqui.

Como podemos observar nessa fala, a escola permite que esses educandos ampliem suas oportunidades. Esses sujeitos que viveram uma vida de adaptação em um universo desconhecido, o universo gráfico, utilizando estratégias de interpretação, como os sinais, as cores, ou desenhos presentes em informações, a fim de substituir as leituras dos códigos escritos, pelo fato da ausência do conhecimento formal da língua portuguesa.

Muitos desses idosos afirmavam que a interrupção dos estudos ou a negação ao direito, deveu-se ao fato de não ter podido estudar na infância, nesse sentido, identificamos que o fator principal para a interrupção dos estudos tanto na infância, como na fase adulta, se deu por conta da necessidade de trabalhar para garantir a sua sobrevivência, conforme podemos observar nessas falas:

M.S.S: Eu vim pra aprender a escrever porque no tempo de meu pai e minha mãe, eu não tinha liberdade. Eles não deixava eu estudá, hoje estou feliz aqui, muito bem sastifeita com minha professora porque ela ensina muito bem estudá me ajuda até na vida lá fora, no meu trabalho.

J. F. F: é... eu vim de Major Izidoro. Morava lá com a minha família e vim trabalhar aqui em Maceió. Trabalho na casa de famílias, é... Sou doméstica, e... Não tive tantas oportunidades de estudar, porque pelo um tempo eu vivi e morei na fazenda com a minha família e lá não tinha escola.

Sobre essa realidade, Coura (2009) afirma que esses sujeitos idosos possuem receio para iniciar ou dar continuidade aos seus estudos, devido a idade madura e o desgaste físico e emocional gerado com as vivências de anos. Sobre os temores e preocupações dos idosos ingressarem na EJA, Coura (2009), argumenta que

[...] há também, por estar nessa fase da vida, um certo receio do que está por vir. Ao envelhecerem, muitas pessoas chegam a acreditar que realizar seus sonhos não é mais possível, que o tempo que têm pela frente não seria suficiente para concretizar seus desejos (COURA, 2009, p. 2).

Como podemos observar nessas falas os sujeitos tiveram seu processo de escolarização privado, pela necessidade de trabalhar, buscando a escola sobretudo “pelos pelas exigências do mercado de trabalho e pelas necessidades individuais e sociais de práticas e eventos de letramento existentes no meio urbano” (MOURA, 1999, p. 3).

Diante da ausência de formação, a maioria dos educandos, tantos os jovens, os adultos e os idosos do programa acabavam se empregando em trabalhos informais, com jornadas pesadas, nesse aspecto devemos destacar que muitos deles chegavam a sala de aula física e psicologicamente exaustos, por conta de suas jornadas de trabalho dedicadas, dentro ou fora do lar, fatores que por muitas vezes comprometiam suas aprendizagens, ou até mesmo sua permanência no programa, conforme está explícito nessas falas:

M.S.C. Às vezes não venho pra sala por que estou tão cansada, professora, que nem

aguento sair de casa

J.M.C. Eu tenho que vir direto pra escola, professora, quando saio do trabalho porque se eu for pra casa num aguento. Acabo dormindo.

Essas falas nos mostram que os sujeitos da EJA quando resolve buscar os programas de alfabetização ou a escola para iniciar ou dar continuidade aos estudos, eles enfrentam todo o cansaço das jornadas de trabalho, responsabilidades com filhos/familiares, problemas de saúde e dentre outros fatores que precisam ser superados e conciliados com a rotina escolar. Sobre esse aspecto Moura (1999, p.02) explica que:

as dificuldades para se manter nas salas de aula são muitas e vão desde o horário das aulas, a motivos econômicos, familiares e pessoais. Por exemplo, pelo fato das aulas serem no turno noturno alguns acabam desistindo, pois após trabalharem exaustivamente durante o dia preferem tirar a noite para descansar. A necessidade de trabalhar é para o público de EJA uma prioridade, logo muitos têm que optar entre o estudo ou o trabalho, tal opção acarreta quando não em desistência do curso, em faltas contínuas as aulas e conseqüentemente, prejuízo na aprendizagem (MOURA, 1999, p. 4).

Todos os limites superados por esses sujeitos, para estarem em sala de aula, estava vinculado, sobretudo, a conseguir autonomia que versam nas “necessidades objetivas como saber ler a placa ou letreiro do ônibus, a Bíblia, o jornal, escrever cartas, entre outros. Sobressai ainda o desejo de independência/autonomia. Essas seriam, em princípio, as expectativas explícitas e implícitas, iniciais dos aprendizes”, de acordo com Schwartz (2010).

Para além da jornada de trabalho esses educandos ainda necessitavam superar a dificuldade enfrentadas diante do analfabetismo, ou a pouca formação, sobre esse aspecto a escola tem grande relevância para esses sujeitos,

M.C.S. Eu sempre tive muita dificuldade de ler. Queria ler a bíblia, eu ia pra igreja aí ficava até com inveja de quem lia rápido, aí eu pensei vou voltar pra escola para aprender a ler mais.

L.C.V. Eu queria muito conseguir viajar sozinha, visitar minha família em São Paulo, mas sem saber ler e escrever é muito difícil. Tenho dois filhos lá, uma dia ainda vou visitar, por isso estou aqui estudando.

Como percebemos nesses discursos a ausência de alfabetização limitavam a vida desses sujeitos, sobretudo para realizarem atividades cotidianas que dependiam da leitura e da escrita, mas mesmo com a ausência de escolaridade os saberes construídos ao longo da vida lhes permitiam sobreviver.

Analisando a realidade explicitada pelos educandos do Projeto MOVA-Brasil/Alagoas podemos afirmar que os educadores da EJA, do programa, ao elaborarem suas práticas pedagógicas deviam considerar os saberes dos educandos, bem como suas realidades sofridas. Assim, as estratégias de leitura, escrita e uso da matemática no dia a dia, trabalhadas pelos sujeitos, jovem, adulto e idoso analfabeto, não devem ser desprezadas, mas sobretudo articuladas na discussão coletiva em salas de aula. Seguindo aquilo que preconizava Freire (1996) quando diz,

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os da classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996, p. 15).

Desta feita, ressaltamos que são inúmeras os saberes presentes na vida dos sujeitos tanto jovem, quanto o adulto e idosos, merecendo uma análise investigativa, principalmente na zona rural e regiões marítimas, onde há riquezas culturais, das quais também possuem aspectos matemáticos produzidos pelos saberes individuais valiosos e criativos destas populações, geralmente sujeitos analfabetos.

As situações supracitadas anteriormente, privaram-lhes o direito de escolarizar-se, o que resultou também em exclusões/ privações em várias fases de suas vidas, ou seja, eliminados de oportunidades tão sonhadas e desejadas por estes educandos. Coura (2009), relata sobre o processo de exclusão vivenciado pelos idosos, durante sua trajetória:

A exclusão, primeiramente de um direito, levou-os a serem excluídos em diversas situações vivenciadas como por exemplo de uma melhor oportunidade de emprego, de uma maior e mais efetiva participação social, de conhecer de forma mais ampla seus direitos como cidadãos e lutar por estes. Foram privados até mesmo de, muitas vezes, poder sonhar com dias melhores e de usufruir de uma melhor qualidade de vida (COURA, 2009, p. 2).

Após um longo período de exclusão na sociedade, estes sujeitos decidem retomar seus estudos, incluindo-se em turmas de EJA, a fim de recuperar o tempo "perdido". Nesse momento, a maioria dos educandos estão aposentados e com suas "famílias criadas", mas sobretudo, estão carregados de saberes e experiências adquiridas ao longo da vida.

2. A prática Pedagógicas na EJA – sempre com o olhar voltado para a realidade dos educandos

Iniciamos este item mostrando como o Projeto MOVA-Brasil/Alagoas se desenhou durante o período de sua vigência. No ano de 2003, o Projeto Mova-Brasil/Alagoas, foi implantado em nosso país, com o objetivo de contribuir na redução do analfabetismo em vários estados brasileiros, bem como colaborar na formação profissional, fortalecendo a cidadania dos educandos, visando construir políticas públicas para melhoria da educação de Jovens, Adultos e Idosos, numa perspectiva socioambiental.

O Projeto MOVA-Brasil/Alagoas, se caracterizou como um Projeto que além de realizar o processo de alfabetização dos educandos, também buscava ampliar o exercício da cidadania entre todos os participantes do Projeto, incentivando-os a realizarem leitura de mundo de si mesmo e da realidade onde vivem, observando suas fragilidades e potencialidades, para assim, intervir e transformar a sua realidade, buscando incentivar entre os educandos a alcançarem melhorias nas dimensões social, econômica, cultural e ambiental.

O Projeto MOVA-Brasil/Alagoas, no ano de 2016 foi desativado, mas durante sua vigência estava implantado em vários estados do país, a saber: Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo e Sergipe. Em cada estado, havia uma coordenação, chamado de Pólo.

A coordenação de Polo era composta por uma coordenadora geral (assistente social) uma coordenadora pedagógica (pedagoga) e um (a) assistente administrativa. A partir do trabalho desta equipe são formadas as diversas turmas de alfabetização dentro do estado, subdivididos em três grupos, e em cada um deles, um coordenador local. Ressaltando que, priorizavam a formação de turmas em comunidades onde havia alto índice de analfabetismo e vulnerabilidade social.

Vale ressaltar que, as turmas eram formadas a partir de um cadastro realizado pelas alfabetizadoras do Projeto, contendo no mínimo vinte educandos para cada turma. As aulas aconteciam em anexos de igrejas, associações, salas de escolas e garagem de residências. Todos esses espaços eram cedidos voluntariamente pelos responsáveis.

Em Alagoas algumas concepções políticas e pedagógicas do Projeto, estavam relacionadas com as Orientações para implantação e implementação da EJA na rede estadual de ensino de Alagoas (2012), voltadas para a instituição escolar, próxima etapa dos educandos ao concluir o Projeto: ingressar na Escola, para dar continuidades aos seus estudos. Tal como o documento relata:

Os princípios e as perspectivas dos processos educativos para a EJA devem permitir que se garanta a análise das vivências econômicas, políticas, ideológicas, escolares e culturais de forma crítica, democrática, libertadora e transformadora, servindo de experiência para o/a estudante em sua vida social, conforme Proposta Pedagógica para a Educação Básica de Jovens e Adultos (ALAGOAS, 2002).

Ao refletir sobre nossa atuação no programa aqui delineado, devemos inicialmente pensar sobre como se dava o processo de ensino e aprendizagem e suas relações entre o educador e educando pertencentes a esta modalidade. Quando os educandos chegavam em sala de aula do Projeto MOVA-Brasil/Alagoas, os mesmos traziam bagagens culturais e significativas, preenchidas de saberes e experiências que foram construídas através das suas relações interpessoais e suas práticas sociais.

Desse modo, não podiam ser considerados como "tábula-rasa", mas sobretudo, sujeitos possuidores de uma historicidade, com múltiplas identidades e culturas, resultado de suas vivências e relações em diversos âmbitos sociais, como a família, trabalho, dia-a-dia, religião, dentre outros. Sobre os diversos conhecimentos dos sujeitos da EJA, Rummert, (2002, apud, Moura), diz que: "em relação aos conhecimentos e experiências, os jovens e adultos trazem, para o interior do espaço escolar, uma multiplicidade e uma riqueza de saberes que quase nunca ousem externar por considerá-los inadequados, sem valor, ou mesmo equivocados. (RUMMERT, 2002 apud, MOURA, 1999, p. 126).

Assim nos cabia, nas salas de aula do Projeto, valorizar essa heterogeneidade de saberes pertencentes aos sujeitos, estimulando-os a expor seus saberes individuais com a turma. Nesse processo considerava suas expectativas de aprendizagens, bem como, estimulava suas experiências com o mundo do trabalho e sobretudo com a vida.

Por isso, vale ressaltar também que, independente destes sujeitos terem sido privados do processo de escolarização, bem como dos conhecimentos formais, em idade "própria", eles (educandos), mesmo não sendo alfabetizados, formaram-se constantemente por meio de suas diversas aprendizagens sociais, tornando-se sujeitos letrados, analisando que, o letramento constitui-se "como um conjunto de eventos e práticas socialmente construídas que vai acontecendo ao longo da vida e das relações socioculturais estabelecidas, nas diferentes agências de letramento e independente da escolarização" (MOURA, 2003, p. 30).

Ressaltando que as principais agências de letramentos para os sujeitos analfabetos são: o trabalho, a família, a religião, mais especificamente, as interações cotidianas construídas nesses âmbitos sociais, que contribuem na produção de seus conhecimentos/saberes informais.

Partindo da valorização dos saberes individuais dos educandos, na salas de aula se fazia necessário compreender que, estes saberes precisavam ser ampliados por meio de uma prática pedagógica libertadora, uma vez que o diálogo entre educador e educandos da EJA se faz como eixo fundamental no processo educativo,

Nessa perspectiva, uma questão importante, para a EJA, é pensar os seus sujeitos além da condição escolar. O trabalho, por exemplo, tem papel fundante na vida dessas pessoas, particularmente por sua condição social, e, muitas vezes, é só por meio dele que eles poderão retornar à escola ou nela permanecer, como também valorizar as questões culturais, que podem ser potencializadas na abertura de espaços de diálogo, troca, aproximação, resultando interessantes aproximações entre jovens e adultos (ANDRADE,

2004, p. 3).

Considerando, pois que todos nós na condição de ser humano, possuímos saberes, porém incompletos e inacabados, sempre havendo uma busca pelo aprender, e sempre existindo um tempo para isso, pois não há fim para o ato da aprendizagem enquanto houver vida, e tal aprendizagem também se dá através das relações interpessoais, no diálogo. A esse respeito Freire (1996), relata que seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas as múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude. (FREIRE, 1996, p. 15).

Por isso, em nossa atuação no Projeto MOVA-Brasil nossa prática partia da concepção de uma educação libertadora. O diálogo era utilizado como uma ferramenta central, considerando que “para esta concepção como prática da liberdade, a dialogicidade comece, não quando o educador-educando se encontra com os educandos-educadores em uma situação pedagógica, mas antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes” (FREIRE, 1987, p. 47).

Seguindo essa vertente utilizamos em sala de aula uma proposta de educação libertadora baseada nos conceitos e teorias de Paulo Freire, que tem como prioridade a transformação social, coletiva e política, opondo-se a proposta de educação tradicional, bancária, conservadora, autoritária e opressora, na qual não leva em consideração os conhecimentos prévios dos educandos, mas definem e acumulam conteúdos que não se contextualizam com suas realidades, e sobretudo não permite a abertura para a essencial prática do diálogo.

Deve-se abandonar os modelos tradicionais de suplência e inventar novos modos. Além disso, devemos ultrapassar o enfoque da Educação de Jovens e Adultos como educação compensatória, em favor de uma visão mais ampla e permanente, que responda às demandas do desenvolvimento local, regional e nacional. Os conteúdos curriculares precisam ser pensados no contexto da identidade e das aspirações dos diversos sujeitos da EJA (ANDRADE, 2004, p. 2).

Tal diálogo que, numa relação horizontal entre educador-educando e educando-educador, estava sempre preenchido de experiências e conhecimentos variados, contribuindo para a assimilação dos conhecimentos formais sistematizados, bem como utilizando-os como ferramenta de emancipação humana e intervenção da sua realidade social.

Assim, as práticas em sala de aula partiam da realidade dos educandos, sempre contextualizadas, utilizando recursos que faziam parte das culturas dos educandos, ou seja, conceitos gerados a partir de temas geradores e intrínsecos ao universo social, econômico, político e ambiental dos sujeitos aprendizes, objetivando não somente o domínio dos conhecimentos formais, mas, que tais conhecimentos obtidos tornassem a ferramenta para a libertação e emancipação política dos sujeitos, permitindo que eles mesmos, os educandos, fossem interventores e transformadores de suas realidades vividas.

Nesse sentido, sempre foram relacionadas as aulas ministradas com todos os conhecimentos prévios dos educandos, possibilitando relacioná-la com sua vida diária, principalmente com o mundo do trabalho. Dentro dessa perspectiva, compreendo que os educandos da EJA, nas aulas ministradas conseguiram elevar seus conhecimentos a partir do seu dia-a-dia, uma vez que sempre consideramos que os educandos não deviam abandonar os seus saberes informais construídos ao longo da vida, pois esse ato tocava em sua particularidade, em sua história de vida, sua cultura, suas raízes, seus sentimentos.

Considerações finais

Este estudo apontou que os sujeitos educandos do Projeto MOVA-Brasil/Alagoas são homens e mulheres da zona rural

ou urbana que tiveram seu direito de estudar negado ou seu processo de escolarização interrompido por diversas circunstâncias da vida.

Estes sujeitos viviam e se relacionavam com uma sociedade gráfica e letrada, criando estratégias de leitura, escrita e cálculos matemáticos, a fim de interpretarem esse universo de informações que sempre estava a sua volta. No entanto, no que tange as práticas sociais formais que envolviam o uso da linguagem e da escrita geralmente solicitavam ajuda às pessoas alfabetizadas para concretizá-las.

Ao analisarmos a fala dos educandos Projeto MOVA-Brasil/Alagoas podemos confirmar que a inserção no programa, e consequentemente a alfabetização, representou para muitos deles como uma possibilidade na melhoria de vida, uma vez que lhes permitiu melhores oportunidades de trabalho.

Desta feita, é importante ressaltar que os educandos da EJA, precisam ser vistos, pela escola e principalmente pelo educador, como sujeitos em potencial para construir novos conhecimentos propostos pela escola, dos quais necessitam para garantir sua autonomia de interpretação dos códigos escritos presentes na sociedade. Esses conhecimentos lhes permitem ingressarem se formarem enquanto cidadão pleno, participativo na sociedade, politizado e consciente dos seus direitos e deveres.

Considerando esses pressupostos, como educadoras da EJA sempre estivemos consciente para construir metodologias que estivessem articuladas com a realidade dos educandos, assumindo, portanto uma pedagogia específica à modalidade de EJA, em qual durante o processo de ensino e aprendizagem aprendemos mais que ensinamos.

Nesse processo buscamos, portanto, estabelecer uma relação dialógica na sala de aula, e as experiências trazidas pelos educandos sempre fizeram parte do currículo estabelecido, como ferramenta didática na construção de novos conhecimentos.

Referências

ANTUNES, Ângela; PADILHA, Paulo Roberto. **Metodologia Mova**. Cadernos de Formação. 3ª ed. São Paulo, 2015.

ANDRADE, Eliane Ribeiro. Os jovens da EJA e a EJA dos jovens. In: BARBOSA, Inês O., PAIVA, Jane (orgs.). **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

COURA, Isamara Grazielle Martins. **Entre medos e sonhos nunca é tarde para estudar: a terceira idade na educação de jovens e adultos**– Prefeitura Municipal de Contagem GT-18: Educação de Pessoas Jovens e Adultas, In 31, reunião da ANPED, 2008.

Disponível em:

[Http/ WWW.anped.org.br](http://www.anped.org.br)

[/reunioes/31ra/trabalhoGT18-45-04-int.ped](http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/trabalhoGT18-45-04-int.ped)>Acesso em 12 de junho de 2016.

COUTO, Sonia. **Alfabetização, Formação profissional e direitos humanos**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2014.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Marinaide de Lima Queiroz; COSTA, Ana Maria Bastos. **Proposta de Formação de Alfabetizadores em EJA: referenciais teorico-metodológicos**. Maceió: MEC e UFAL, 2007.

MOURA, Tânia Maria de Melo. **Os alunos Jovens e adultos que buscam a educação de Jovens e Adultos**: Quem são e o que buscam na escola. Maceió, 1999.

Orientações para implantação e implementação do ensino fundamental e do ensino médio da educação de jovens e adultos por períodos letivos semestrais na rede de estadual de ensino em 2012. SEE/AL.

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de Jovens e Adultos**. Petrópolis. RJ:Ed.VOZES, 2010.

[1] *Falas coletadas através de grupos focais, realizados pelos/as pesquisadores/as, nos anos entre 2014 e 2015.

[1] * Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Integrante do grupo de pesquisa TICFORPROD - tecnologias da informação e comunicação na formação de professores presencial e a distância online-UFAL. Email:leilac_ped@hotmail.com

[2] ** Mestra em Educação Brasileira - UFAL. Professora da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, campus Penedo, integrante do grupo de pesquisa MULTIEJA, membro efetivo do Fórum Alagoano de EJA, trabalha com temas ligados à EJA, Gestão Escolar, Planejamento, Avaliação, Currículo e formação de professores. E-mail – vccavalcante1@hotmail.com

[3]*** Mestra em Educação Brasileira - UFAL. Professora da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Campus Arapiraca/Polo Penedo, integrante do Grupo de Pesquisa Escrita, Texto & Criação e do Laboratório do Manuscrito Escolar. Trabalha com os temas: Desenvolvimento e Aprendizagem, Didática da Escrita e Livro Didático de Língua Portuguesa. E-mail: janaynasantos06@gmail.com

Recebido em: 07/08/2016

Aprovado em: 09/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: